

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

ANNUNCIOS

Aveiro: 100 n.º, 25000; 50, 12000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.º, 25250; 50, 12125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.º (moeda forte), 43500 réis.—Pagamento adiantado.

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 50 p. c.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

NUMERO AVULSO, 20 REIS

Administração, rua do Espirito Santo, 71

## AVEIRO

### A proposito do "Seculo,"

O artigo que o sr. Magalhães Lima publicou no *Seculo* suscitou grande irritação entre o syndicato republicano. Nós, como os leitores viram, também nos indignamos, mas a valer. E, por isso mesmo que nos indignamos a valer, apressamo-nos a repellir toda a camaradagem com os modernos censores da folha da rua Formosa, os quaes, tendo-lhe aplaudido ainda hontem todas as torpezas, não visam com as suas descomposturas de momento senão a uma das muitas especulações em que é fértil a quadri-lha.

O *Seculo* andou mal. Mas acima da indignação que nos podemos produzir a attitudé d'esse jornal está outra maior:—a que nos provocam os miseráveis que tendo andado mettidos ainda hontem em conluíos com os monarchicos, vêm hoje descaradamente falar em intransigencia de principios.

O sr. Alves Correia foi o mais feroz defensor do accordo barjonaceo, que se tramou ahí ha annos. Injuriou os que pugnavam então pela honra dos principios democraticos. E, agora, é esse o homem que mais enche a bocca em *bandeiras immaculadas* e em pureza de principios!

E' ignobil, é repugnante. Hoje não temos vagar para nos alongar sobre este caso de moralidade e sã democracia. Falohemos, porém, no numero immediato, protestando, desde já, contra a torpissima especulação que não tem outro fim senão desviar do *Seculo* os leitores que conveem á *Vanguarda*, á *Batalha*, á *Folha do Povo*, ou a outro paquim semelhante. Falaremos com vagar.

### A venda das colonias

O sr. deputado Ferreira de Almeida voltou a defender a sua ideia da venda de algumas colo-

nias, como unica solução de sahirmos da crise financeira que nos assoberba.

S. ex.ª disse n'uma das ultimas sessões que o paiz tem deante de si o dilemma de, ou pagar mais dez mil contos de impostos, ou fazer a bancarrota, tendo esta por epilogo fatal a perda da nossa independencia.

Que não comportando o paiz uma tal tributação deveria procurar-se na conversão total da divida a redução correspondente. mas não podendo a conversão effectuar-se sem uma norma de valores como base a alienarem as colonias de Moçambique, Macau, Timor, Ajudá, Cabiuda e Guiné para esse fim o saldo provavel e voluntario da redução dos juros calculados em cinco a seis mil contos, a eliminacão d'uma parte do deficit colonial correspondente ás colonias alienadas e por ultimo e só por ultimo uma tributação pequena complementar d'uns dois mil contos salvariam a situação.

Que o governo deveria consultar o paiz n'esse sentido poudolhe a questão nitida e clara: ou dez mil contos de novos tributos ou alienação de parte do dominio colonial para applicar á redução da divida.

Que se era indecoroso alienar colonias que não podiamos manter, que nome tinha não pagar aos credores, voluntarios uns, forçados outros? era a ladroeira.

Temos de arranjar 10:000 contos por anno, ou teremos a intervenção estrangeira, a guerra civil e a perda do nosso dominio colonial.

Onde se vão buscar 10:000 contos? A's deducções nos vencimentos?

Repete: ou 10:000 contos de contribuição directa, ou a venda das colonias que não nos servem e com as quaes poderemos pagar os credores. Por calculos que faz conclue que depois da operação feita com as colonias nos ficariam 3:000 contos por pagar, que então poderiam satisfazer-se por meio de uma contribuição a que se chamaria de salvação publica.

Sobre o mesmo assumpto surge-se o *Economista*:

E, dando o exemplo, corre ás ruinas, affasta com as mãos as pedras ainda fumegantes que pisam o peito d'um ferido. Seus soldados seguem-n'o logo sem hesitação, e, em pouco tempo, feridos e mortos são deitados em padiolas e levados para a cidade.

Paradis está estonteado de desespero; manda tocar a retirada com intento de abandonar o reducto; mas Bussy avança para elle e agarra-lhe nas mãos.

—Peço-lhe que não dê essa ordem, clama; reflecta! E' preciso conservar a povoação e reparar, tanto quanto se puder, os destroços.

—Impossivel! diz o engenheiro; que quer que façamos d'estas ruinas? Depois, de la Touche está prompto a fazer saltar o que resta das muralhas.

—Contenha-o; não dê um passo, nem só uma ordem, sem se aconselhar primeiro com o governador. Mas onde está o commandante Law?

«Triste espectáculo estamos dando da nossa decadencia moral! A proposta da venda de algumas colonias parece que vae adquirindo agora favor, sorrindo a muitos o pensamento de que, por este meio, afastaremos o calix das deducções, da redução dos juros da divida, do augmento dos tributos.

O que valem essas colonias que se apontam para o grande leilão, o que representam de glorias passadas, o que podem trazer-nos de recursos no futuro? Ninguém se preoccupa com tão futeis indagações. A venda da Guiné pôde evitar a cada portuguez o ter que sacrificar alguns vintens em favor das urgencias do thesouro; a de Macau e Timor poderá alliviar-o da despeza de alguns tostões; a de Moçambique reduzirá mais sensivelmente a quota dos sacrificios.

Parece que nada ha mais que examinar. Mas nem com tudo isso se dispensa de todo o sacrificio, dizem! Então porque não acabam de vez com isto?

Vendam tudo. Olhem que por S. Thomé e Angola, podem darnos, não só com que evitar novos sacrificios, mas até com que diminuir bastante os encargos actuaes. E até sobrarã alguma cousa para umas orgiasitas, de que estamos já com grande saudade. Poderemos aventurar-nos em alguma nova esturdia, dar largas ao nosso amor á folia, ou pelo menos deleitar-nos em santo ocio no mais delicioso ripanso. E' de tentar!

Temos fé, porém, que o brio portuguez não está extincto. A venda de uma parte de Portugal não será feita, porque o paiz não sancionará semelhante proposta. Se não ha entre os que se arvoam em salvadores ninguem que encontre solução para as nossas difficuldades financeiras que não seja uma vergonha nacional, o paiz ha de responder-lhes que se afastem, porque para isso não são precisos os seus serviços. Ao menos então deixem que acabemos sem nos envergonharmos, no ultimo momento, da nossa decadencia moral.»

—Na cidade, para onde conduz os prisioneiros.

—N'esse caso, deixe-me, antes de mais nada, ir da sua parte consultar Dupleix.

—Pois então corra depressa. Paradis não está, porém, convencido e abana a cabeça, emquanto Bussy monta a cavallo e parte a toda a brida.

Na cidade, que elle atravessa com a velocidade de um furacão, reinam terror e desespero indisciplináveis; o estampido da explosão atrahiu todos os habitantes para fóra de casa e a nova é sabida já, correndo com diferentes versões, e os que teem parentes ou amigos no exercito, choram e gritam com o desejo de reconhecerem os mortos e os feridos. No palacio, Bussy não encontra nenhum servo e vê-se obrigado a atar o cavallo a uma columna. Depois de subir a grande escadaria, chega, cansado e mal podendo tomar a respiração, ao ga-

### O livro do sr. Homem Christo e a critica

Começamos hoje a publicar a opinião, favoravel ou desfavoravel, de varios jornaes sobre o livro do sr. Homem Christo.

Depois a apreciaremos detidamente. Em artigo editorial, lia-se no *Jornal do Commercio*, de 30 de dezembro:

«Um extraordinario livro acaba de ser dado á publicidade. Intitula-se—*Os acontecimentos de 31 de janeiro e a minha prisão*, e é seu auctor o sr. Francisco Homem Christo.

Não tendo mais de 276 paginas, é um livro capital em mais de um aspecto, que se lê irresistivelmente de um só arranco, e que, além do muito interesse que desperta pelo seu conteúdo, em que abundam factos curiosissimos, commove profundamente pelo tom caracterisadamente viril e sincero em que é concebido e pela fórma fortemente eloquente e vivida, nada rhetorica, em que é escripto. O que nos pesa é não poder consagrar-lhe a detida menção que elle merece. Mas que os nossos leitores não deixem de ler esse livro momentoso e honrado, mesmo para os que possam discordar de qualquer das suas apreciações.

N'elle se encontra em primeiro logar uma idonea descripção do que é o partido republicano, do que foi a ultima crise directorial, e da sua actual situação. O sr. Homem Christo declara os seus correligionarios preponderantes evitados dos mesmos vicios que o pessoal da monarchia. Representam uma oligarchia e não um ideal politico. Querem o advento dos republicanos e não da republica. Elias Garcia, apostolo da republica, foi o que mais comprometteu esse ideal, confundindo-o com os processos politicos, eleitoraes e arrangistas da monarchia. A execução do finado chefe republicano pelo sr. Homem Christo é formal e cathgorica. Na ultima eleição do dire-

binete do governador, cuja porta está aberta. Já estava allí um soldado a narrar o funesto acontecimento.

—Senhor governador, diz Bussy com a voz embargada pelo cansaço, Paradis pretende abandonar Arian-capan e eu pedi-lhe que o não fizesse emquanto não recebesse ordem de v. ex.ª

—Que conserve o reducto a todo o custo, exclamou Dupleix; o seu abandono arrastaria o de todas as outras obras militares.

—Vou já transmittir-lhe esta ordem, diz Bussy.

No momento, porém, em que vae sahir ouvem-se novos estampidos de muitas explosões que fazem vibrar os vidros das janellas.

—E' tarde! de la Touche mandou pelos ares as muralhas.

—Que desgraça, capitão! diz o governador tendo reprimido um movimento de cólera; agradeço-lhe as diligencias que empregou de o-

torio estabeleceu-se scisão entre os republicanos, em que o partido chamado dos *garcias* foi batido, pela exclusão de José Elias, e pela eleição de Homem Christo. D'ahi a distincção que então se fez, inculcando-se os *garcias* (*Seculo*, *Patria*) republicanos ordeiros, evolucionistas, em contraposição com os dos *Debates*, (*Homem Christo*, *Jacinto Nunes*, *Alves Correia*) que apodavam de revolucionarios e anarchistas.

Segue-se a revolta do Porto. Revolta essencialmente de sargentos, de que Alves da Veiga e Santos Cardoso (que figuram como dois intrujões sem escrupulos) aproveitaram o descontentamento e as ambições.

Quanto ao partido republicano, propriamente, pouco figura officialmente no caso. Mas o que é curioso, e para nós foi uma revelação, é que os republicanos que davam o seu apoio á revolta portuense, embora *encoberta*, foram os *ordeiros* de Elias Garcia, e não os *radicaes*, que, ao contrario, fizeram tudo para se oppôr a esse louco movimento. Explicação: era a manobra dos *garcias*, diz o sr. Christo, para no caso de victoria excluir da preponderancia o directorio, e no caso de derrota não ficarem comprometidos.

No que respeita propriamente á revolta, a nota que o sr. Christo accentua é a da *imbecillidade* de todos: dos revolucionarios e dos contra-revolucionarios. O governo devia e podia ter evitado que a revolta sahisse: nada fez. Os revoltosos por sua parte dêram todas as provas de incapacidade e de falta de tactica. A revolta quem a fez, diz o sr. Homem Christo, foi o governo.

Chegamos ao processo da revolta. Para nós é a pagina mais triste. As prisões e os julgamentos a bordo são revoltantes. Os presos começam por ter fome, sem que ninguem se importe com isso. Correm depois risco de naufragio. Nos julgamentos o espectáculo é atroz. As testemunhas tocadas de enjoo contorcem-se e nivam. Os proprios magistrados vomitam no meio dos debates. Depois das sessões veem *cavaquear* com os réos.

«Juizes e réos fraternisam um instante. Estabeleceram convivio.

evitar. Mas não se deixe desanimar porque não está tudo ainda perdido. Vou vêr com os meus olhos o que resta a fazer.

Como sempre, o governador tem palavras de doçura e de animação, atenuando, tanto quanto pôde, o desastre; reanima a confiança e desperta o ardor.

Assim os dias, as semanas, passam sem que os sitiantes, apesar de todos os esforços, tenham nada ganho sobre os francezes, agora encerrados em Pondichery.

Mas hoje os inglezes movem-se de uma maneira extraordinaria, parecendo que se preparam a tentar um assalto decisivo. Eis porque o governador, montado a cavallo, dá devagar a volta em redor da cidade, emquanto por cima da sua cabeça zunem os projectis. A's vezes pára, assestando o oculo sobre qualquer ponto e vigiando attentamente os movimentos do inimigo.

(Continúa.)

### A CONQUISTA DO PARAISO

XIV

#### O cerco de Pondichery

De entre os escombros sahem gemidos horrorosos; mas ainda ha explosões parciais, d'onde se não tentou approximar.

A consternação é geral em todos os que escapam ao desastre.

—Então querem deixar morrer os seus camaradas sem nada tentar para os salvar? brada aos seus voluntarios Kerjean que acaba de chegar; se forem capazes de semelhante covardia, declaro que quebrarei a minha espada para não ser chefe de tal gente.

O presidente discretava largamente com o seu Chagninhas, como chamava a João Chagas. Outras vezes entrava em discussões profundas e substanciais com o Santos Cardoso. Debatiam-se leis, codigos, processos de julgamento, decretos dictatoriaes, etc. Não era raro a questão acalorar-se. O capitão Mendes, um dos membros d'um conselho, chegava-lhe fogo. Santos Cardoso asoprava. Verdial dava-lhe a nota declamatoria. E o entremez apparecia em toda a sua magnitude, com as gargalhadas do povo-léo, incidentes picarescos, baboseiras dos actores, ridiculos, etc.»

E as sentenças?  
«As sentenças, diz o sr. Homem Christo, foram a centesima vergonha d'aquella farçada. Os juizes feriram mais a disciplina militar, como já tinha feito o governo, do que os proprios revoltosos.»

Quanto á sua prisão, o sr. Homem Christo demonstra que foi feita por fraqueza governamental e em homenagem a um jornal opposicionista. O commissario geral de policia e o auditor eram contra a pronuncia. E o que fez o commandante da divisão? Ordenou que se arranjassem duas testemunhas falsas. E arranjaram-se. O commissario de policia o confessou. Hediondo!

Analysando, finalmente, a situação actual do partido republicano portuguez, o auctor do livro a que nos referimos sentença da seguinte fórma: «O partido republicano em Portugal tem tido essa triste habilidade. Afugentou de si tudo quanto tinha valor nos dois extremos. Ficou com os lorpas, com os allucinados, com os especuladores.»

O livro do sr. Homem Christo não é obra de partidario, nem de odio. Sente-se n'elle a sinceridade e a justiça, e é essa a sua grande força. Os monarchicos não são bem tratados, mas os republicanos não o são melhor, antes pelo contrario, e quem sabe de uma maneira desgraçada da pena do sr. Christo é a propria sociedade portugueza, aviltada e amesquinhada pela educação que tem derivado dos exemplos politicos.

O livro do sr. Homem Christo é certamente um livro triste, mas, no meio dos sophismas e dos convencionalismos que constituem o fundo da nossa litteratura politica, é consoladora para a alma a leitura e meditação das paginas escriptas com tão desusada e honrada sinceridade.»

## O incidente Constans-Laur

A imprensa parisiense não cessou ainda de se occupar do incidente occorrido ha dias, na camara dos deputados franceza, entre o sr. Constans, ministro do interior, e o deputado boulangista Laur.

Constans, depois de haver esbofetado o deputado Laur, tem sido violentamente agredido no Intransigent.

A folha do sr. Rochefort publicou algumas cartas de Laur, nas quaes declara que Constans se conduzia como um cobarde, recusando a bater-se com elle, depois de o ter insultado, quando dispunha do apoio de trezentos deputados da maioria.

Mas o effeito moral das bofetadas foi muito maior, pelo que se vê, do que todas estas injurias e outras. Parece que o publico pouco caso fez d'estas novas blasonagens, que se considera terem chegado tarde.

O Gaulois, publica as seguintes informações, a respeito da recusa opposta pelo ministro, o sr. Constans:

«Esperei na terça-feira as resoluções que o sr. Laur podesse tomar.

Mas o sr. Laur julgou dever recorrer á arbitragem do sr. Ro-

chefort. Os jornaes da manhã, todos publicaram a resposta do sr. Rochefort. Pela tarde foi, como de costume, ao palacio Bourbon, onde elle viu não sei quem, ou eu, pela minha parte, notei não sei o que; depois das seis horas da tarde, é que afinal me mandou os seus amigos.

Não sei se o sr. Laur recebeu ordens novas do sr. Rochefort. Não posso estar durante toda a minha vida, á disposição do sr. Laur, telegraphicamente dirigida pelo sr. Rochefort.»

O telegramma de Rochefort, que foi publicado, dava a Laur o conselho de se não bater com o sr. Constans, nem de o chamar aos tribunaes. O deputado boulangista, parece ter concordado com este conselho; mas, segundo se vê, reconsiderou vinte e quatro horas depois, sendo então que enviou as suas testemunhas ao sr. Constans.

Julgamos muito curioso deixar aqui registradas as cartas, que se trocaram a este respeito, e que servem de esclarecimento ao negocio. A primeira d'estas cartas, é do sr. Laur:

«Meu caro Dumonteil.—Estou decidido. Ide, pois, com o doutor Devilliers, procurar as testemunhas do sr. Constans, e apresentar-lhe as condições indicadas hontem; tres balas cada um a vinte metros, medidos pelo decmetro.

Mas com uma condição, expressa, absoluta: é que os jornaes não hão de saber nada senão quando o encontro se tiver realisado, (isto por causa de minha familia.) Sustento estes pontos energicamente. Julgando toda a gente que eu recuso, nada ha mais facil do que isto. Procurarei obter o mesmo segredo de Constans.

Não me bato para lavar a honra de Constans; bato-me porque, tendo a probabilidade de o matar, não posso hesitar em tentar livrar d'elle o paiz. E' um delicto de salvação publica.—Laur.»

A segunda carta, é das testemunhas nomeadas pelo sr. Laur, e diz:

«Meu caro amigo.—Apresentamo-nos hoje em casa do sr. Constans, como nos haveis encarregado, para lhe pedir uma reparação pelas armas.

Mandou-nos responder por um dos funcionarios do seu gabinete, que recusava bater-se.

Em presença d'esta resposta julgamos dever considerada terminada a nossa missão.

Recebei, meu caro amigo, a segurança dos nossos melhores sentimentos.—Dr. Devilliers, A. Dumonteil.»

A terceira e ultima carta, e a resposta a esta, dada pelo sr. Laur, é concebida nos seguintes termos:

«Meus caros amigos.—Quando tratou de me atacar pelas costas, sustentado por trezentas pessoas, não hesitou o sr. Constans em me ferir cobardemente.

Agora que se acha só, em frente da minha pistola, esconde-se. Não é a primeira vez, além d'isso, que elle se comporta assim.

Agradeço, e recebei, meus caros amigos, a segurança dos meus melhores sentimentos.—Francisco Laur.»

E' importante, pela fórma, esta correspondencia, e deixa bem ver o desejo que o sr. Laur tinha de se bater. Assim, não foi necessario occultar á familia, a qual não teve motivo para inquietação.

## Os successos da caverna

Uma parte da imprensa guarda reservas sobre os acontecimentos

da Companhia Real, Banco Lusitano e outros successos correlativos.

As justicas seguem morosas na descoberta dos criminosos. Era de esperar.

Continuam a indicar-se geraes irregularidades na Companhia dos Caminhos de Ferro, entre ellas a não inutilisação de obrigações sorteadas e pagas, a fim de servirem para novas transacções.

Lê-se na Provincia o seguinte telegramma:

«Corre com a maxima reserva que a policia descobriu um novo caso de falsificação de notas de 5000 réis, na importancia de 20 contos, que parece terem vindo da Alemanha dentro de calendarios.

Já foram presos dois individuos.

A policia prosegue em activas diligencias e espera-se a captura de outros individuos implicados no mesmo caso.»

O Universal acrescenta ter ouvido affiançar que já se acham presos tres individuos implicados no caso, sendo um filho de um par do reino.

São de nenhum auxilio para a justiça as declarações prestadas acerca das cedulas falsas pelos srs. Marianno de Carvalho, Augusto José da Cunha e Frederico Laranjo.

Continúa a dizer-se que n'este negocio estão implicadas pessoas da aristocracia. Parece que sobre as ultimas providencias policiaes ha o maior segredo, referentes ao facto, falando-se na descoberta de machinas para fabrico de moeda falsa.

Dizia o Jornal da Noite n'um dos seus ultimos numeros:

«Na Avenida dizia-se que a policia prendera dois directores do Banco do Povo. Quem o dizia citava o nome de um lente da Escola do Exercito, e official que emprestava dinheiro a particulares por sua conta mas com o dinheiro do Banco. Se os particulares pagavam, elle mettia o dinheiro á algibeira. Se não pagavam, a verba passava aos ganhos e perdas do Banco do Povo.

Alguem nos disse tambem que o sr. conde de Mozer tentou sahír a barra de Lisboa, embarcando no Estoril, onde está vigiado pela policia. O nosso conselho é que devem apertar o circulo da sua vigilancia. Que o inferno não conspira em favor de alguns restos da boa estrella do sr. conde.»

## Carta de Lisboa

26 de Janeiro.

A bulha porca, que se estabeleceu na quadrilha dos republicos, a proposito da attitude do Seculo, tem-me feito rir. Compreendendo-se que ninguém mais do que eu terá motivos para folgar com essas manifestações, publicas e patentes, em flim, da degradação a que chegou essa corja, essa quadrilha organizada, essa régua de saltadores que em Portugal tanto tem comprometido e tanto tem procurado deshonrar o principio republicano. E digo folgar porque, como se sabe, é velha opinião minha que nada se faz e nada se consegue emquanto não cahir de todo na lama a quadrilha que constitue a officialidade do chamado partido republicano portuguez. Folgo com as ultimas provas de degradação, de aviltamento, dos miseraveis sem talento e sem caracter a que me refiro. Mas, ao mesmo tempo, enojo-me. Ao mesmo tempo sinto que não posso dominar a minha indignação.

Vêr eu um Alves Correia, que tantos annos foi um dos escan-

FRANCISCO CHRISTO

## OS ACONTECIMENTOS DE 31 DE JANEIRO

E A

## MINHA PRISÃO

A' venda n'esta redacção e na tabacaria e estabelecimento de moveis do sr. João Francisco Leitão, á rua de José Estevão.

Remette-se franco de porte a quem enviar 600 réis a esta redacção.

dalos vivos do municipio de Lisboa, a apregoar que nada deve, que nada padiu, que nada agradece aos homens publicos d'esta terra! Vêr eu esse homem, pelo qual me vejo desobrigado de melindres n'esta occasião pela audacia com que elle se apresenta e porque o que lhe digo hoje já lh'o disse em outras occasiões, vêr eu esse homem a afirmar independencia e moralidade! Que atrevimento, que desplante, que cynismo! O meu celebre casaquinha, que foi o mais feroz defensor do accordo barjonaceo, que insultou todos quantos combateram esse escandalo, que na camara constituinte procedeu com o sr. Manuel de Arriaga da maneira mais insolita que se tem visto! O meu celebre menino do cavallinho cheio de manhas, que ainda n'outro dia fez réclames ao sr. Marianno de Carvalho, emparceirando-se com os que lhe foram fazer manifestações ao Largo de S. Roque!

Esse heroe a falar em intransigencia, em dignidade de principios, em pureza de convicções! E' espantoso de cynismo. E' unico de desvergonha. Como é unico de parvoçada que uma centena de pedaços d'asnos se não peje de fazer a corte a esse insigne bandeirinha, esquecendo-se do decoro que devem á justiça, á moralidade, a si proprios, se entre esses idiotas algum existe que saiba o que é ter pudor e dignidade.

O Seculo andou pessimamente. Mas quem quizer ter auctoridade ha de ser justo e digno antes de tudo. Se o Seculo andou mal, peor andaram aquelles que tentaram lançar o partido nos braços do sr. Barjona de Freitas. Arreponderam-se? Não parece, porque ainda n'outro dia os vimos em réclames e em manifestações ao sr. Marianno de Carvalho, que não vale mais que o sr. Dias Ferreira. Mas ainda que se arrependessem, nunca foi licito, nunca foi regular, nunca se permittiu a qualquer que venha lançar em rosto dos outros, indignado e rubro, o mesmo crime que commetten. Nunca! Os que hoje applaudem Alves Correia, tendo feito hontem o mesmo que elle fez, ou tendo-o censurado, é a mesma coisa, não fazem senão mostrar mais uma vez a falta completa de criterio, de moralidade, de justiça, que tanto caracteriza o syndicato republicano em Portugal. Perdoar a Alves Correia os seus antigos erros é uma coisa. Applaudil-o, como se fôra um catão, é outra. A primeira condição de perdão é exactamente a penitencia. E ninguém se penitencia arremessando á cara dos que pecam o mesmo peccado que já se commetten.

Tambem nós lhe perdoámos para vermos, no fim de contas, o logro em que cahimos. E ainda hoje lhe perdoariamos se não fôra a audacia cynica de que esse homem dá provas a cada instante. Prometteu contricção pelos peccados barjonaceos e desatou

a fazer réclames a Marianno de Carvalho. Moveu uma guerra feroz ao garciismo e depois alliou-se com elle para atraiçoar os seus amigos da vespera. E' vêr como elle lança, agora mesmo, em rosto ao Seculo, as insinuações dirigidas a José Elias Garcia pelo jornal da rua Formosa. Como se prezasse o grande nome do fallecido chefe! Como se o tivesse sempre poupado! Como se fosse para elle uma memoria querida!

Que grande maroto, que outro nome não tem!

Tambem nós lhe perdoariamos, se o vissemos sincero e contrito. Mas tivemos bastante tempo para vêr que n'aquelle homem não existe senão falsidade e especulação. Falso, sempre falso! O unico proposito da Vanguarda é desviar os leitores do Seculo para si. Nada mais.

O que se diz do casaquinha, diz-se dos Cecílios e dos Terenas. A Folha do Povo e a Batalha!!! Os bandoleiros que ainda hontem applaudiram todos os accordos de José Elias! Os grilhetas, que constituem a verdadeira escoria do republicanismo em Portugal! E que ficarão na historia com um nome, que é um symbolo... os garcias!

Não tinhamos lido os artigos do Seculo quando escrevemos a nossa ultima correspondencia. Depois d'isso lemos um apenas, o do sr. Magalhães Lima. E, francamente, se a doutrina, em geral, é má, nem por isso deixa de fazer algumas afirmações verdadeiras, para as quaes carece de auctoridade, alias. O sr. Magalhães Lima escreve, por exemplo, que os republicanos não devem dizer mal só pelo prazer de dizer mal, e que, por isso, tem obrigação de louvar nos monarchicos os actos bons que praticaram. E' uma grande verdade, que nós affirmámos sempre n'este jornal. Sem isso não ha justiça e, por consequencia, não ha auctoridade. O peor é que o Seculo só agora se lembre d'isso.

Accrescenta o sr. Magalhães Lima que o partido republicano não tem pessoal habilitado para exercer o poder. O sr. Magalhães Lima queria dizer: — pessoal honesto e de talento. E' outra grandissima verdade, embora não seja motivo para se quebrar lanças pela monarchia, que pelo lado da honestidade está nas mesmas condições.

Esta ultima affirmacção valeu grandes descomposturas ao sr. Magalhães Lima, contra o qual se sahiu Alves Correia a chamar-lhe ignorante, porque, diz Alves Correia, os homens sabem sempre das revoluções. O sr. Magalhães Lima é um ignorante, sem duvida. Mas Alves Correia não o é menos. Em banalidades, e bem se vê d'essa que ali fica, ninguém lhe ganha.

Quem conhecia os homens de 1820? pergunta Alves. Quem conhecia os de 93? Quem conhecia os de 1870? A resposta é facil: não os conheciam, a alguns, as nações em que elles viviam, mas

conheciam-n'os os seus agrupamentos, para os quaes já eram uma esperança e uma grande garantia. Robespierre, Danton, Desmoulins, etc, não eram positivamente Terenas nem Alves Correia já antes de 1893. Gambetta, Ferry, Rochefort, Clemenceau, Anatole de La Forge, Challemeil Lacour, Freycinet, já antes de 1870 se não pareciam nada com o Jacques da Silveira, com o Heliodoro Salgado, com o Andrade Neves, com o Peixoto, com o Carlos Calixto, com o Casimiro Freire, com o Julinho de Moura, com o Hygino de Sousa e semelhantes. Entre o Anselmo de Sousa, o Santos Cardoso, o Alves da Veiga, o Aureliano Cyrne, etc, e Mousinho da Silveira, marechal Saldanha, duque da Terceira, Sá da Bandeira, Fernandes Thomaz, Borges Carneiro e outros, havia alguma differença antes do 31 de janeiro, do 24 de agosto ou da batalha da Asseiceira. Pois não havia, amigo Alves? O paiz não conhece os homens do partido republicano, a não ser os que se tornaram salientes em 31 de janeiro, e é natural que assim succeda. Mas conhece-os ao menos o proprio partido? Onde estão? Veem do acaso? E chama aquelle imbecil ignorante ao sr. Magalhães Lima!

O partido republicano tem meia duzia de homens de valor, mas d'un valor puramente theorico e n'este caso podemos contar os melhores, Rodrigues de Freitas, José Falcão, etc. Nenhum d'elles tem o estofo d'un Thiers, e aqui lembramos ao *casquinha* que a propria republica franceza teve de ir, em 1870, buscar aos partidos monarchicos os homens que lhe faltavam, apesar dos muitos de valor que já eram uma garantia e uma esperança.

Os melhores homens do republicanismo em Portugal, os talentosos e honestos, não tem feito para os grandes trabalhos politicos que ha a emprender. Mas suppunhamos que o tem. Quantos são elles?

Damos o pescoço ao *casquinha*, e *casquinha* deve-lhe estar com vontade, se arranjar os sufficientes para se constituir, sequer ao menos, um ministerio. Vamos, não falamos no grande pessoal administrativo. Falamos só n'um ministerio republicano. Desembuche o *casquinha* e vamos-lhe levar o pescoço á cadeia.

O *Seculo*, fez, pois, afirmações verdadeiras. Entretanto, inhabil como sempre, no geral collocouse n'um terreno insustentavel. Ainda que as suas palavras fossem verdadeiras, não soube deduzir d'ellas a verdadeira moral. Se soubesse, chegaria do que disse a conclusões irrefutaveis. Terminando pela defesa da monarchia, ou do ministerio que appareceu para a salvar, collocou-se claramente no campo em que, ás escondidas, já tinha entrado ha muito tempo. Chegou onde esperavamos de ha muito que chegaria. Mas se o seu procedimento é indigno, não é mais digno o de muitos que o censuram. Faça-se justiça a todos e digam-se as verdades como é devido.

De resto, para outra vez diremos mais sobre o assumpto.

Y.

**NOTICIARIO**

**O tempo**

Melhorou desde sabbado. Os céus mostram-se limpos, e a atmosphera serena. Tem sido, pois, de verdadeira primavera os ultimos dias.

**A policia não vê...**

E não ha uma cegueira que a inutilise para sempre, já que não vê o que deve ver. Raio da policia... Esse desventurado, filho de um finado official da armada, conti-

nua, ahí pelas ruas e ás vistas da policia, sendo perseguido pelos rapazes, contra os quaes joga pedradas e faz outros disturbios, que põem em risco os transeuntes.

E ainda não jogou uma pedrada que fosse rachar a cabeça da policia...

Ora, bollas para a policia, que serve só para mamar na teta do districto. E' um verdadeiro escalracho, o raio da policia.

**Criança castrada**

Referem de Villa Real de Trazos-Montes que uma criança de Anardello, d'aquelle concelho, cortou, ha dias, a outro rapaz os orgãos genitales.

A policia tomou conta do successo.

**Mercado de vinhos**

Acha-se estacionario o nosso mercado de vinhos.

Para exportação tem sahido muito pouco. Por isso, o vinho baixou de preço, e accentua tendencias para descer mais.

Na região da Bairrada, o melhor vinho pôde comprar-se hoje a 900 réis os 20 litros.

— Dizem do Cartaxo que se tem effectuado alli algumas transacções sobre vinhos, mas sem a animação dos annos anteriores. Das grandes adegas poucas se acham vendidas, havendo para vender mais de 3:000 pipas de vinho. O preço regula por 20\$000 réis.

— Em Villa Nova de Famalicão tem sido espantosa a exportação de vinhos. Calcula-se em 3:000 pipas o vinho exportado n'aquelle concelho, variando os preços entre 12\$000 e 15\$000 réis.

**Beneficio**

A *troupe* dramatica do Asylo-Escola projecta dar, no dia 14, no theatro Aveirense, um espectáculo em beneficio da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas.

Vae ser supprimida a direcção telegrapho-postal de Aveiro, passando a estação de primeira classe.

**Rapariga d'uma canna**

Hontem, de manhã, houve scena violenta entre a sentinella da cadeia e uma rapariga que desejava entrar no edificio mas a respeito da qual o militar nutria suspeitas de conduzir vinho para a cadeia.

De palavra em palavra, a rapariga chegou a aggreir a sentinella, fugindo em seguida... para dentro da cadeia, aonde depois a guarda foi buscal-a.

A justiça vae agora averiguar contas com a virago.

**Pelo Alemejo**

Afirmam do Alemejo que as chuvas tem beneficiado extraordinariamente os campos d'aquelle região. Algumas nascentes que se tinham seccado, consequencia das longas estiagens de ha tres annos, começam a brotar agua, o que é extremamente agradavel aos agricultores d'alli.

— Tem subido o preço da carne de porco no Alemejo, principalmente no districto de Evora, onde este anno chegou a descer até 2\$400 réis cada 15 kilos, preço muito arrastado, na phrase dos lavradores, e muito commodo para os consumidores.

**Jayme José Ribeiro de Carvalho**

Falleceu em Lisboa este conhecido litterato, auctor dos originaes opusculos de moral e hygiene, mestre da escola professada pelo jornalista Marques da Sombra.

Jayme José Ribeiro era filho d'um honrado velho, que fóra almoxarife do paço da Ajuda, onde prestara muito bons serviços. Vivera sempre pobremente e, segundo consta, era subsidiado por sua magestade el-rei. Sentara praça no regimento de

infanteria 1, chegando ao posto de cabo, e déra baixa para se dedicar: primeiro á medicina e depois ás letras.

Para conseguir o fim a que se propunha, comprou por quantia insignificante, a bibliotheca do fallecido medico Almeida, de Belem, e, desde então, começou a tratar os doentes que havia nos logares mais proximos de Belem, para onde seguia sempre a cavallo n'um burro, que adquirira já com esse fim. Ou porque as curas não lhe dessem o resultado desejado, ou porque o seu estado de saude não lhe permittisse o expôr-se a todo o tempo, abandonou a medicina para se dedicar á litteratura.

**Fogo na cadeia**

Um pobre idiota que ahí se acha preso, lançou hontem, de manhã, fogo á enxerga em que dormia.

Acudiram promptamente, sendo logo extinto o fogo.

O infeliz tinha já um aspecto afflictivo, porque o fumo tinha-o quasi asphixiado.

**Expediente**

*Rogámos aos nossos estimados assignantes para quem estamos expedindo recibos, a fineza de os satisfazerem logo que para isso recebem aviso dos empregados do correio.*

*Aos srs. assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança, sollicitámos o obsequio de mandarem saldar as suas contas.*

**Uma discipula de Sucei**

Apparecen agora em Paris uma jejuadora, que devia ter começado sabbado o seu jejum.

Chama-se miss Nelson, era cantora e propõe-se a passar 40 dias tomando por unico alimento um copo de uma beberagem que consigo traz.

O fim de miss Nelson não é ganhar dinheiro, mas simplesmente ensinar aos pobres a maneira de passarem sem alimentos sólidos, não comprometendo a sua saude.

As suas experiencias são no Grande Hotel, com a assistencia permanente d'um comité de medicos, e durante o seu jejum dará quatro concertos em beneficio dos pobres.

**Chuva de estrellas**

Naoute de hoje dever-se-ha observar uma chuva de estrellas cadentes, se a limpidez do céu o permittir.

**Casamento de dois criminosos**

Casaram-se na segunda-feira, na cadeia do Lincoeiro, os presos Balthasar de Mesquita e Guilhermina Cepa, ambos condemnados por crimes de furto.

Eis a sociedade a colaborar na selecção da raça.

**O bandido Athanasio**

Sabem quem é este famoso heroe da actualidade?

E' um bandido que na Turquia tem feito proezas espantosas e que até hoje, a despeito de todo o empenho em lançar-lhe a mão, continúa gosando a bella da liberdade.

Elle já uma vez se atreveu a saquear um comboio; elle tem sequestrado varios estrangeiros pedindo depois aos respectivos consules grossas quantias para a sua libertação; elle é, finalmente de tal sorte arrojado, que dirigiu ao governador da provincia de Andrinopolis uma carta concebida n'estes termos:

«Ouve, ridiculo pachá! Diz ao teu sultão que me remetta com a maior brevidade a somma de cincoenta mil libras turcas (duzentos e oitenta e cinco contos de réis) e que lhe dou a minha palavra de honra—a mais sagrada para mim—de que nem eu nem os meus heroes tornarão a

commetter delicto algum em territorio turco. Em troca, se o teu soberano se recusa a entregar-me tão modesta quantia, terá que gastar muito mais em perseguir-me sem resultado algum, embora eu continue a perpetrar toda a qualidade de crimes.»

Esta carta produziu a maior impressão no imperio, temendo-se que d'um momento para o outro Athanasio dê começo ás suas terriveis façanhas.

**Theatro em Estarreja**

Foi muito bem recebida em Estarreja a *troupe* dramatica do Asylo-Escola e a sua fanfarra.

Os dois espectaculos agradaram muito, e em ambas as noites a casa esteve litteralmente cheia de espectadores.

Diz-se que vão ser mandados recolher aos diferentes corpos os officiaes que se acham em commissão nas diferentes secretarias de estado e aquelles que estão servindo na guarda fiscal ser-lhes-ha equiparado os seus vencimentos com os de mais officiaes de patente igual que estiverem em serviço nos corpos da guarnição.

**Notas de carteira**

Apoz doloroso soffrimento, falleceu no sabbado á noite o sr. José Pereira de Pinho, fiscal da repartição de aflamentos de Aveiro.

**A ULTIMA HORA**

**Notas falsas**

Foram já presos os individuos, accusados de falsificadores de notas falsas. São elles um tal Joaquim Magdalena, dono d'uma importante serrallheria em Camarate, Pepe Caro, hespanhol, e habilidoso gravador de loiça da fabrica de Sacavem, e Domingos, ex-cortador e mais ou menos conhecido dos trabalhos lytograficos.

**Contra a debilidade**

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

EMILIO RICHEBOURG

**A ESPOSA**

*Edição illustrada com chromos e gravuras*

Está em publicação esta obra do auctor dos romances "A Mulher Fatal", "A Martyr", "A Filha Maldita", "O Marido", e "A Avó", que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes.

**CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA**

Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. — Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, pelo preço de 60 réis.

**BRINDE AOS ASSIGNANTES**

No fim da obra será distribuido aos srs. assignantes, como brinde, uma estampa em chromo, de grande formato, representando a — **Vista geral do Palacio da Pena, de Cintra.**

Editores — BELEM & C.<sup>a</sup> — Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa.

**TAMANCARIA AVEIRENSE**

74 — RUA DO ALFENA — 76

(JUNTO A' PRAÇA DO PEIXE)

AVEIRO

JOÃO SIMOES AMARO JUNIOR, participa aos seus amigos e freguezes que no seu estabelecimento se encontra um variadissimo sortido de obra de diferentes qualidades, taes como: tamancos á chineza (bordados) e de outras qualidades e gostos, chancas, galochas, etc., etc.

Encarrega-se de qualquer encomenda para fóra da terra, podendo ser remittida pelo correio. Tambem se encarrega de fornecer obra para qualquer estabelecimento de fóra vender.

Garante a segurança e perfeição de todo o trabalho. Aceita qualquer obra que não fique á vontade do freguez, devolvendo a importancia recebida.

**Annuncios**

**CHEGOU JÁ**

**A notavel agua de quina de Pinoud.** O seu uso evita a queda dos cabellos, destruindo completamente a caspa.

**Pós dentrificicos, em frascos, de Azevedo, Irmão & Veiga,** admiraveis pelo seu sabor e qualidade.

**Pastilha dentifrica de glocirina, de Jellé Frère,** a que melhor resultado tem dado contra os abalos dos dentes e descarnamento das gengivas, tornando os dentes brilhantes e destruindo o mau halito da bocca.

Grande variedade de perfumarias e outros artigos de *toilette*.

Cutelararia, escovaria, etc.

A' venda no estabelecimento de barbear de Manuel de Lemos Junior.

ALTO DA R. DE JOSÉ ESTEVÃO, 4 A 6

**ELUCIDARIO**

**Dos corpos administrativos e das corporações de piedade e beneficencia**

*Sobre a organização dos seus orçamentos e contas annuaes*

Contendo um resumo dos preceitos legais e esclarecimentos mais importantes sobre o assumpto, e um formulario ou collecção de modelos para orçamentos ordinarios, supplementares e passivos, mappa do calculo da receita, tabella da conversão do serviço braçal e a dinheiro, conta de gerencia, mappa comparativo da despeza auctorizada effectuada, relação de dividas activas e passivas, e outros — por dois juizes de primeira instancia, servindo em commissão nos tribunaes administrativos.

Esta importante obra, de grandissima utilidade para a facil organização de orçamentos e contas das camaras municipais, juntas de parochia, confrarias, irmandades e misericordias, e de ha muito reclamada por todos os que tem de intervir na gerencia dos alludidos corpos administrativos e corporações de piedade e beneficencia, acha-se á venda na cidade da Guarda, no estabelecimento dos srs. Julio Augusto Proença & Filho, rua do Commercio, 14 a 22. Custo de cada exemplar, 500 réis. Pelo correio, 520 réis.

As requisições para a aquisição d'esta magnifica obra devem ser feitas a Germano de Oliveira, rua do Commercio, Guarda, devendo as mesmas ser acompanhadas da respectiva importancia em vales do correio.

No Porto vende-se na livraria Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros, 18 e 20.

# Curso de Grammatica Portugueza

POR

ABILIO DAVID E FERNANDO MENDES

PROFESSORES DE ENSINO LIVRE

Com uma carta prefacio do Sr. Dr. JOÃO DE DEUS

Obra redigida em harmonia com os programmas dos lycées e dos candidatos ao magisterio elementar e complementar nas Escolas Normaes

Preço: — Cartonado, 500 réis; brochado, 400 réis.—A' venda na administração do POVO DE AVEIRO.

## 10:120

# MACHINAS DE COSTURA

A Companhia Fabril Singer acaba de despachar nas alfandegas de Lisboa e Porto 9:170 caixas contendo 10:120 machinas de costura, para serem distribuidas por todas as succursaes estabelecidas nas capitães dos districtos.

**COMPANHIA FABRIL SINGER**

75, RUA DE JOSÉ ESTEVAO, 79

(PEGADO Á AGENCIA DO BANCO DE PORTUGAL)

AVEIRO

E em todas as capitães dos districtos

### NOVIDADE LITTERARIA

## A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

# OS JESUITAS

E as congregações religiosas em Portugal nos últimos trinta annos

POR

**M. BORGES GRAINHA**

Com o curso superior de lettras e professor do Lyceu de Braga

Já está á venda em todas as livrarias este interessantissimo livro, de inquestionavel opportunidade, no qual o auctor, que conhece intimamente os processos de que o jesuitismo se serve geralmente e se tem servido em Portugal, para conseguir os seus fins de engrandecimento e dominação, narra minuciosamente o viver dos collegios e conventos religiosos de diversas congregações existentes no paiz, patenteando o seu modo de proceder, de ensinar e de educar.

Apresenta o fac simile d'uma carta demissoria escripta pelo punho do actual provincial da Companhia de Jesus e assignada pelo padre Vicente Ficarelli, seu antecessor em Portugal.

O interesse e desenvolvimento d'esta obra avalia-so pelos titulos de alguns dos seus capitulos, que passamos a enumerar:

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS. QUEM É O AUCTOR D'ESTE LIVRO? PORQUE SE ESCREVE ESTE LIVRO? CATALOGO APPROXIMADO DAS CONGRÉ-

GAÇÕES RELIGIOSAS EXISTENTES EM PORTUGAL. HISTORIA SUMMARIA DOS JESUITAS EM PORTUGAL NOS ULTIMOS 30 ANNOS. OS SEGREDOS DOS JESUITAS. PROCESSOS DE SEDUCCÃO RELIGIOSA. A SEDUCCÃO DOS COLLEGIOS RELIGIOSOS. JESUITAS DE CASACA E JESUITAS DE SAIA. A VIDA INTIMA DOS JESUITAS. AS IRMÃS DE CARIDADE. VIDA INTIMA DAS RELIGIOSAS. OS JESUITAS E AS MULHERES. O DINHEIRO DOS JESUITAS. SYNDICANCIAS OFFICIAES. COMBATES QUE OS JESUITAS TEMEM. ASSOCIAÇÕES ANTI-JESUITICAS.

O livro, que tem perto de 400 paginas, é nitidamente impresso em bom papel e custa 600 réis. Pelo correio 630 réis. Depósitos nas livrarias: Escolar, rua do Almada, 545 e na Empresa Litteraria e Typographica, rua de D. Pedro, 184. EM AVEIRO vende-se na livraria do sr. Joaquim Fontes Pereira de Mello.

## ARMAZEM DE DROGAS

DE

**Joaquim M. P. Falcão**

42, R. N. DO ALMADA, 44

LISBOA

Artigos para fabricas de lanificios, cortumes, louças e outros

Importação directa



## VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoría geral de hygiene da corte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos órgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para a aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos atestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BAPTISTA DINIZ

## OS CRIMES DOS CONVENTOS

Romance em 2 volumes

Condições da assignatura — Em Lisboa, 50 réis cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, pagos no acto da entrega; no resto do paiz, 5 fasciculos ou 25 folhas, 250 réis, pagos adeantadamente.

As capas para os dois volumes são distribuidas gratuitamente, formando assim um lindo brinde a todos os assignantes.

Bibliotheca Liberdade, de Fernandes & C., rua da Palma, 4, 2.º—Lisboa.

## OFFICINA

DE

## SERRALHERIA

Rua do Alfena (lado sul)

## AVEIRO

MANUEL FERREIRA previne os seus amigos e freguezes que terminou com a sociedade que tinha com o seu ex-socio Quaresma e continúa com a sua nova officina, defronte da antiga, onde executa com a maxima perfeição toda a qualidade d'obra concernente á sua arte, taes como: fogões, cofres, gradeamentos, portões, camas de todos os feitios, lavatorios, etc., etc., garantindo a modicidade de preços e promptidão.

## OS ELEPHANTES

POR

**Frederico A. Pereira**

Consul de Portugal em Siam

Livro illustrado e interessantissimo, constituindo uma bella leitura para creanças e para adultos.

A educação, costumes, intelligencia e aptidões do elephante são da mais alta sympathia

Preço, 200 réis.—Livraria Portuense, editora.—Em todas as livrarias.

# REMEDIOS DE AYER

*Peitoral de cereja de Ayer*— O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Taberculos pulmonares.

*Extracto composto de salsaparilha de Ayer*— Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

*O remedio de Ayer contra as sezões*—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

*Pilulas catharticas de Ayer*— O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



**VIGOR DO CABELLO DE AYER**— Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

## Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e sandavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 600 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C., rua de Mousinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que ás requisitarem.

## Perfeito Desinfectante e Purificante de JEVES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metais, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis

## Joaquim José de Pinho

ALFAYATE E MERCADOR

ARCOS DE ANADIA

FILIAL EM AVEIRO: — Rua de Anselmo Braamcamp (antiga rua da Cesteira)

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chales pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimento. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Na filial há grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade.

Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes. Especialidade em gabões.

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

## POMADA CONTRA HERPES E EMPIGENS

PREPARADA PELO PHARMACEUTICO

**M. ANDRADE**

Esta pomada tem sido empregada por muitos medicos tirando os melhores resultados.

PREÇO DE CADA CAIXA 360 RÉIS

Remette-se pelo correio franco de porte

DEPOSITO GERAL — Drogaria Arcosa — COIMBRA

DEPOSITO EM LISBOA: — Serzedello & Comp.ª — Largo do Corpo Santo; José Pereira Bastos — Rua Augusta; João Nunes de Almeida — Calçada do Combro, 48. AVEIRO — Pharmacia Moura.

EDITOR — FAUSTINO ALVES

Typ. do «Povo de Aveiro» — R. do Espirito Santo, 71